

Corporeidade negra na era do pós-humano: análise da personagem Shuri, do filme *Pantera Negra*.

RESUMO

Suelen Karini Almeida de Matos
E-mail: suelenmatos@ufpr.br
Universidade Federal do Paraná,
Curitiba, Paraná, Brasil

Este estudo tem como finalidade refletir a corporeidade negra diante do conceito do afro-futurismo usando como objeto de análise a personagem Shuri do filme Pantera Negra. Irei partir do conceito trabalhado por Eduardo Viveiros de Castro sobre corporeidade ameríndia onde o mesmo afirma que um corpo é tudo que adere a ele, observando como a corporeidade da personagem escolhida representa novas construções estéticas e políticas de uma geração de jovens negros que se identificam com o conceito do afro-futurismo, discussão presente nos estudos sobre pós-humanismo. O feminismo de Dona Haraway em “Manifesto Ciborgue” e a classificação de corpos de Lucia Santaella sustentarão o agenciamento de uma estética proteica e tecnológica, resultado de uma nova visão da diáspora negra no mundo e como sobreviver a ela, tendo como produto final, o combate ao racismo estrutural em nossa sociedade cisheteropatriarcal branca.

PALAVRAS-CHAVE: Corporeidade. Negro. Pós-humano. Afro-futurismo. Feminismo.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo analisar a construção da personagem Shuri do premiado filme *Pantera Negra* (2018). A ideia é relacionar os conceitos de corporeidade e pós-humanismo sob uma perspectiva interseccional contemplando os marcadores sociais de raça e gênero. Nesse sentido, o conceito filosófico denominado afro-futurismo surge como cenário epistemológico de trabalho, contemplando o contexto ficcional da cidade de Wakanda, representado por personagens que constroem uma nova cosmologia estética e política, representando assim, a grande maioria da população negra diaspórica que vive em diferentes lugares do mundo e que se identificam com a vertente filosófica. Irei partir do conceito de corporeidade ameríndia trabalhada pelo etnólogo Viveiros de Castro onde entende-se que um corpo é tudo aquele que adere a ele, sendo assim, o afro-futurismo como articulador de tecnologias que se traduzem em extensões corporais, mesclando passado e futuro em elementos estéticos, criando um “novo corpo”.

Dessa forma, optei a analisar como se dá a construção da corporeidade negra afro-futurística, simbolicamente representada pela personagem Shuri, irmã do protagonista do filme, T’Challa (*Pantera Negra*), uma moça jovem, cientista e responsável por todo desenvolvimento tecnológico da cidade. Ela sai completamente dos estereótipos do lugar social da mulher negra quando diz respeito a sua posição de trabalho e atuação. O afro-futurismo, neste sentido, se mostra ser mais do que uma manifestação estética, mas um novo posicionamento político de ocupação de novos espaços sociais. Shuri representa uma nova geração negra que se identifica com o Ciborgue descrito por Donna Haraway em seu manifesto, um ser que precisa sobreviver a diáspora e se recriar. Conhecendo e compreendendo este novo cenário faz com que se torne mais fácil pensar em novas políticas de enfrentamento contra o racismo estrutural em nossa sociedade “cisheteropatriarcal branca” (AKOTIRENE, 2019, p. 27).

UM POUCO SOBRE WAKANDA E SUAS PERSONAGENS FEMININAS

Pantera Negra foi lançado em fevereiro de 2018, sendo exibido em grade parte dos cinemas mundiais. O filme é inspirado na trajetória de vida do príncipe T’Challa, personagem de história em quadrinhos que teve sua primeira aparição na revista do Quarteto Fantástico, lançado em 1966 por Stan Lee e Jack Kirby. Interessante observar que a criação do personagem foi feita no auge dos movimentos pelos direitos civis nos Estados Unidos, que acontecia ferozmente durante a década de 60. Logo após o lançamento do mesmo, sem vínculo e intenção política aparente, o partido Panteras Negras surge. Segundo site ISTOÉ (online, 2018)

A associação com o partido foi problemática para a Marvel, que nunca batalhou muito para que suas histórias fizessem sucesso. A situação só mudou em 1998, quando Christopher Priest assumiu o título e deu nova cara ao personagem, aprofundando a mitologia em torno de Wakanda e reforçando a imagem de monarca e estrategista de T’Challa.

Neste cenário, Wakanda surge como mitologia, uma cidade localizada no coração do continente africano, quebrando com estereótipos de uma África pobre e sem desenvolvimento, mas, sendo vista por todo o resto do mundo como um lugar marginalizado. Wakanda recebe dos céus uma substância poderosa e rara, denominada *vibranium*, sendo ela a responsável pelos superpoderes de T'Challa e também pelo alto desenvolvimento tecnológico da região.

A película em si, retrata o dia a dia da cidade, tem como enredo principal um desafeto entre o príncipe e seu primo que vive nos Estados Unidos, após um desentendimento entre seu pai e tio. O sucesso de Pantera Negra após seu lançamento no cinema se deu por diversos aspectos. Primeiro pelo fato de ser um filme composto por cerca de 90% do elenco negro e representá-los de forma totalmente empoderada. As mulheres de Wakanda são apresentadas como personagens fortes e inteligentes. Dentre elas estão, General Okoye e as Dora Milaje, que foram inspiradas nas Ahoosi, mulheres guerreiras que protegiam o Reino de Daomé (figura 1), atualmente localizada na região de Benin, na África. Elas existiram até o final do século XIX.

Figura 1 – Exército de Wakanda (parte superior); exército Ahoosi (parte inferior)



Fonte: Pinterest

Outra personagem feminina marcante é Nakia, que se mostrou ser muito mais que o par romântico de T'Challa. Escudeira do exército de Wakanda, Nakia demonstrava ser uma rainha dos disfarces que contribuía de maneira consistente na proteção do reino. Ramonda era a matricarca da família e a grande rainha. Por fim, mas não menos importante, Shuri, irmã de T'Challa e a responsável por todo desenvolvimento tecnológico da cidade, está na qual foi escolhida como objeto de análise deste artigo.

PÓS-HUMANISMO E AFRO-FUTURISMO

O filme Pantera Negra retrata o contexto local de Wakanda, uma cidade localizada no continente africano, mas vive escondida aos olhos do mundo por um

grande motivo: proteção. Wakanda seria uma das poucas regiões da África do Sul que não sofreu com a colonização por parte dos brancos europeus. O ato de se esconder aos olhos do resto do mundo, por uma película de *vibranium*, fazendo com que a cidade não fosse vista e nem localizada por satélites acontece como uma estratégia de cuidar da população local e de suas riquezas, pois, Wakanda é considerada como um lugar rico e altamente desenvolvido, totalmente diferente dos estereótipos aos quais estamos acostumados a ver e imaginar quando se fala da África. Nesta cidade, toda população negra tem acesso a riqueza, ensino, qualidade de vida, alimentação e todas as necessidades básicas são supridas. Não existe desigualdade de classes e nem exclusão social. A população negra é realmente feliz.

A construção social de Wakanda se enquadra no conceito denominado Afro-futurismo, termo idealizado na década de 90 por Mark Dery, com base na produção de literatura sobre ficção científica nos Estados Unidos na época, período no qual aconteciam diversas discussões sobre a ausência de autores negros dentro deste nicho. Manifestos foram criados no fim do século XX para promover essa vertente filosófica, onde se reivindicavam novas práticas antirracistas e a mobilidade social do negro não só na arte, mas em todos os aspectos possíveis. Atualmente, o afro-futurismo, tornou-se um movimento político e estético presente, principalmente, dentre jovens negros e movimentos militantes. Em uma breve busca pela¹ *hashtag afrofuturismo* na rede social Instagram é possível se deparar com uma imensidão de fotos de corpos negros modificados, apresentando códigos vestimentares e visuais que articulam um passado africano glorioso e um futuro tecnológico, justamente o cenário que é apresentado no filme. Além disso, o afro-futurismo atual, se manifesta (...) “em diferentes áreas, assumindo a importância da criação de um novo imaginário – e de uma nova estética –, que ofereça à comunidade africana e diaspórica a plena possibilidade de existir para além da ontológica violência branca” (BUROCCO, 2019, p. 50). Quando diz respeito à internet, esse comportamento descrito acima, em relação com conceito do pós humanismo, FELINTO (2006) afirma:

As imagens e representações do pós-humano encontram expressão significativa e explícita apenas no âmbito da Internet, esse novo meio de comunicação que não podemos classificar legitimamente como “massivo” e cuja complexidade parece tornar extremamente difícil qualquer investigação tomando-o como locus de manifestação de imaginários sociais. (FELINTO, 2006, p. 108)

Mesmo recebendo o nome de afro-futurismo, esse conceito, para alguns autores pode ser considerado como algo presente. A existência de um universo (uma “Wakanda”) onde o indivíduo negro não seja mais a margem e sim o centro, é uma realidade que está em desenvolvimento. Esse “universo” acontece em paralelo com o a existência da sociedade hegemônica na qual vivemos, após o acontecimento do antropoceno “criando” um universo paralelo ao pós-humanista, enfatizando que não se trata de um acordo entre humanos para se viver melhor, mas para enfatizar a existência de dois mundos distintos que são múltiplos e diversos. Em Pantera Negra, Wakanda se mostra como uma sociedade existente em paralelo com “o mundo” ocidental, um lugar detentor de um alto grau de desenvolvimento, onde toda população negra possui oportunidades e acesso de forma igualitária.

Outro ponto interessante que o afro-futurismo propõe é pensar o negro como protagonista do desenvolvimento tecnológico. Em sua dissertação sobre afrociborgue, termo pelo qual irei discorrer a seguir, GOES (2017), usa como exemplo um desenho que era muito popular no fim dos anos 90, *Os Jetsons*, onde representava o imaginário de como nossa sociedade estaria após os anos 2000. Os carros iriam voar, haveriam vários robôs pelas casas, essas, se tornariam inteligentes e tudo sendo controlado com apenas um click. Diante deste cenário futurístico, a autora chama a atenção para os seguintes pontos

(...) o primeiro que a relação alimentada entre máquina e homem sempre foi de exterioridade e servil. O segundo, era que o acesso não seria comum a todos - o desenho já representava bem quem teria acesso àquela vida facilitada. Um terceiro ponto, que percebi tardiamente, foi a privatização do acesso e como isso desmistificaria a lógica do global/universal, sobretudo ao considerar o conceito de globalização imaginada de Canclini(2003) comentada no tópico anterior. (GOES, 2017, p. 38).

É possível perceber que o interesse maior da humanidade por desenvolvimento tecnológico está baseado dentro do desejo de servidão, de ter algo que supra algumas necessidades do cotidiano social. Atualmente, já possível encontrar robôs que limpam as casas, cumprem a função de babá, cuidadores e até aqueles que fazem cirurgias. Nesse sentido, a relação homem e máquina surge dentro de um contexto composto por relações de poder, onde

(...)a exterioridade da máquina reflete diretamente no domínio da mesma – ou seja, o corpo orgânico e racional é superior ao corpo titânio/de ferro ou aço. O desejo de domínio foi e sempre é o primeiro patrocinador das novas tecnologias. Há várias vantagens dentro do discurso colonial em sustentar o binarismo do metal/orgânico e a principal e primordial delas é a operação subjetiva de que todo humano sempre será superior e/ou terá o domínio sobre aquilo que é máquina/ferro/titânio –não orgânico. (GOES, 2003, p. 38).

Essas discussões a respeito da relação dicotômica estão presentes nos estudos do pós-humanismo, conceito que surge na década de 80 a partir de pesquisas e experimentos a respeito de um “mundo pós-biológico” (SANTAELLA, 2003, p. 191) feito por diversos pesquisadores, em um contexto pós modernidade, período que “(...) o prefixo pós foi sendo anteposto aos substantivos mais diversos, inclusive ao pronome “tudo”” (...) (SANTAELLA, 2003, p.239). Chegando ao anos 90, autores trazem características do que constituiriam um indivíduo de uma era pós-humana e para isso era necessário que ele possuísse um corpo que conseguisse atender as exigências deste novo momento.

Para Hayles (1996^a: 12), o pós-humano representa a construção do corpo como parte de um circuito integrado de informação e matéria que inclui componentes humanos e não humanos, tanto chips de silício quanto tecidos orgânicos, *bits* de informação e *bits* de carne e osso. Nesse sentido, o pós-humano deve ser também traduzido por transhumano, mais que humano. (SANTAELLA, 2003, p. 192)

A construção corporal do pós-humano é uma de suas principais características, mas irei falar sobre isso com mais profundidade no próximo tópico. Além da corporeidade, a paixão pelo desenvolvimento tecnológico, o ser pós-

humano, também aspira a intelectualização, “(...)priorizam a desconstrução do privilégio que a cultura ocidental concedeu ao sujeito humano como senhor da natureza e das outras espécies” (FELINTO, 2006, p. 111). Essa afirmação de Erik Felinto dialoga com o contexto no qual nosso objeto de análise está inserido, afinal, o afro-futurismo prega um olhar racial ao pós-humano, colocando o ser negro como também centro e participante deste desenvolvimento.

AFROCIBORGUE: CORPO X MÁQUINA

Dentro das discussões sobre pós-humanismo, nos deparamos com a relação do corpo orgânico e artefatos tecnológicos. O corpo sofre deslocamentos e modificações, recebendo novos objetos que se aderem e potencializam suas capacidades motoras. Segundo perspectivismo, teoria que se denomina como multinatural, existem diversos corpos e cada corpo possui um conjunto de afecções e características específicas. O modo de vida em que a natureza existe e de outros mundos também, onde, acaba sempre sendo sob uma perspectiva das ações humanas, uma cultura pode possuir diversas naturezas. O corpo, nesse contexto, é visto como um suporte de relações, tudo que adere à ele também é considerado um corpo, pode ser construindo com partes de outros corpos, objetos, implantes, roupas, próteses, partes animais e tudo que se possa imaginar. Este corpo pode ser ampliado ou reduzido e quando modificado, se torna um corpo muito mais forte do que o real.

Em outras palavras, como demonstrado em trabalho anterior (FELINTO, 2006a), não se trataria tanto de substituir o sujeito humano por outro modelo, essencialmente diferente, mas sim de continuar desenvolvendo-o até o paroxismo. (FELINTO, 2006, p. 111)

O perspectivismo traz um contraponto ao naturalismo, no sentido de que ele traduz uma cultura composta por várias naturezas, sendo que o naturalismo se caracteriza em múltiplas culturas em apenas uma natureza. Assim, é possível pensar em diferentes naturezas sendo representadas por diferentes indivíduos que compõe uma mesma cultura, logo, eles se relacionam entre si e, dentro de um coletivo, se relacionam com o mundo. O filme, representa este cenário de uma cultura única, composta por diferentes naturezas e específicas, onde diferentes povos, em conjunto, formam uma cultura estruturada com base nos conceitos presentes no afro-futurismo. Outra vertente que dialoga com o conceito de construção corporal do ciborgue é a qual traz ao perspectivismo a visão ameríndia desenvolvida pelo etnólogo Eduardo Viveiros de Castro e Tânia Lima, trabalho citado por Deborah Danowski e Viveiros de Castro em um trabalho construído em conjunto, onde ela explica que o

(...)“perspectivismo ameríndio” foi nome que T.S. Lima e E. Viveiros de Castro escolheram para designar uma noção ao muito difundida na América indígena, segundo a qual cada espécie de existente vê-se a si mesma como humana (anatômica e culturalmente), pois que ela vê de si mesma e sua “alma”, uma imagem interna que e como a sombra ou eco do estado humanoide ancestral de todos os existentes. (DANOWSKI; DE CASTRO, 2014, p. 95)

Este conceito possui exatamente essa relação, também fora da ficção científica, ganhando força ao se posicionar como um movimento filosófico e estético. Ainda dentro do conceito proposto pelo perspectivismo ameríndio, “a forma corporal externa de uma espécie e, portanto, o modo como ela é vista pelas outras espécies (essa forma é frequentemente descrita como uma "roupa") (DANOWSKI, 2014, p. 94). Ou seja, dentro da construção da estética do afro-futurismo, os elementos dispostos contribuem para a forma como os indivíduos irão ver-se e como se posicionarão no mundo. No início do artigo comentei sobre como os jovens que se denominam como afro-futuristas apresentam-se nas redes sociais, articulando o agenciamento da cultura negra em sua estética individual e coletiva, apropriando-se do uso de próteses e artefatos que remetem à cultura *high tech*. Esses corpos modificados em uma era do pós-humanismo é classificado como ciborgue que, segundo HARAWAY,

(...)é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção. Realidade social significa relações sociais vividas, significa nossa construção política mais importante, significa uma ficção capaz de mudar o mundo. (2009,p. 36).

Donna Haraway, autora do *Cyborg Manifest*, originalmente publicado em 1991, traz uma visão feminista-socialista deste corpo do pós-humano. Pensando nos aspectos de que o desenvolvimento tecnológico está pautado nas relações de poder entre homem e máquina e que algumas pessoas estão excluídas do acesso à este advento moderno, onde, segundo ela, esse processo

(...)nos oferece uma versão bem diferente de pós-humanismo, centrada no questionamento das identidades e categorias ontológicas dominantes no Ocidente e na defesa dos interesses de outras espécies e formas de vida. (FELINTO, 2006, p. 111)

A autora traz uma perspectiva do ciborgue de maneira progressista, afirmando que devemos estar “(...)dolorosamente conscientes do que significa ter um corpo historicamente constituído” (HARAWAY, 2009, p 51), neste corpo, ela quer dizer um corpo feminino, marginalizado e condicionado em uma sociedade patriarcal. Assim, a teoria do ciborgue pode vir como uma ferramenta de luta e resistência, transformando este corpo periférico em forte e centralizado.

Nossos corpos são nossos eus; os corpos são mapas de poder e identidade. Os ciborgues não constituem exceção a isso. O corpo do ciborgue não é inocente; ele não nasceu num Paraíso; ele não busca uma identidade unitária, não produzindo, assim, dualismos antagônicos sem fim (ou até que o mundo tenha fim). Ele assume a ironia como natural. Um é muito pouco, dois é apenas uma possibilidade. O intenso prazer na habilidade – na habilidade da máquina – deixa de ser um pecado para constituir um aspecto do processo de corporificação (p. 96).

Em seu manifesto, ela articula esses conceitos com recorte de raça e classe, chama a atenção sobre a importância de se aplicar uma interseccionalidade² diante desta discussão. Assim, ela afirma que, “as “mulheres de cor” poderiam ser compreendidas como uma identidade ciborgue, uma potente subjetividade,

sintetizada a partir das fusões de identidades forasteiras e nos complexos estratos político-históricos (...)” (HARAWAY, 2009, p. 85).

Perceber a importância de aplicar o marcador social de raça ao conceito de ciborgue, nos abrem as portas para uma nova ramificação, o afrociborgue. Um termo que carrega significados políticos e estéticos, que tem o poder de quebrar uma sensação de sub-lugar e margem, indo de frente com a hegemonia branca que é detentora de todo poder e desenvolvimento.

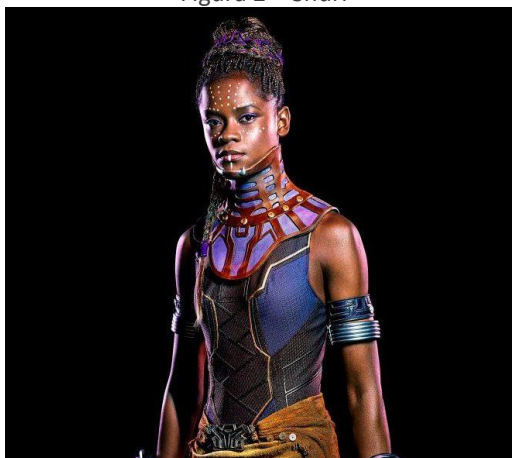
A indexação do termo Afro a palavra ciborgue é uma escolha sociopolítica que dialoga com as demandas da sociedade da diáspora negra – o mito de uma nova era, sem qualquer embate de cor e raça foi uma manobra para dar continuidade a uma lógica epistemológica centrada na cultura eurocêntrica e ocidentalizada. (GOES, 2017, p. 51).

O afrociborgue possui um corpo construindo e modificado, o que Lucia Santaella denomina como “corpo proteico”. As próteses são quaisquer tipos de artefatos que podem e serão aplicados neste corpo orgânico, tornando-se “um suprimento do corpo que não é complexamente integrada e autônoma.” (SANTAELLA, 2003, p. 201). Os sistemas racionais e de execução são distintos entre si, mas, que ainda possuem uma “intersecção entre dois sistemas, duas redes subjacentes de rizomas, tecnologia e orgânica” (SANTAELLA, 2003, p. 202), que está fundamentada pela aderência de uma prótese.

SHURI

Shuri (figura 2) é a irmã mais nova de T’Chlla, mais conhecido como, O Pantera Negra. Ela é responsável por todo desenvolvimento tecnológico da cidade de Wakanda. Pela produção do filme, a personagem é considerada uma das mais fortes, detentora de todo conhecimento desenvolvido na região. São pelas suas mãos que o *vibranium* toma “corpo”, se tornando real no dia-a-dia dos “wakanianos”.

Figura 2 – Shuri



Fonte: Site Canal do Leitor.

Uma mulher negra, jovem, inteligente, cientista e que mesmo fazendo parte da realeza, não se encaixa dentro dos estereótipos ocidentais de princesa. Suas

roupas, em boa parte das cenas do filme, possuem códigos vestimentares que mesclam passado e futuro, que é justamente a filosofia de Wakanda que dialoga com a filosofia do afro-futurismo, pensar e unir o passado com o presente. Suas peças, fora do contexto fictício, foram construídas com tecidos tecnológicos que são muito usados por esportistas, por possuírem perfeita aderência ao corpo e contribuindo para um melhor desempenho corporal, diga-se de passagem, bem pós-humanista.

A corporeidade de Shuri é modificada durante todo o filme, um dos momentos que mais chamou minha atenção, e confesso que foi o que me fez escolhê-la para este trabalho, foi quando ela surge com próteses nos braços. Na trama, elas foram construídas pela própria cientista, em metal e sob forma de uma pantera que abre a boca e solta *vibranium* em um formato de luzes, bem típico em filmes de ficção científica.

Figura 3- Shuri com prótese de braços



Fonte: Pinterest.

Dentro dos moldes que já foram apresentados aqui, Shuri se enquadraria como um ser ciborgue, ou melhor, afrociborgue. Seu corpo é modificado a partir da utilização de elementos que o deixam mais forte. Quando esse fenômeno acontece, faz com que “o corpo mecânico e metálico, nos discursos centrais e unilaterais, ocupa o lugar daquele que não tem alma, mas também ocupa o lugar da potência – o corpo metalizado é uma metáfora de força e poder para o corpo dominador.” (GOES, 2017, p. 53). Ou seja, essa corpo potencializado começa a servir de ferramenta de combate, segundo HARAWAY (2009, p. 36) “a ficção científica contemporânea está cheia de ciborgues – criaturas que são simultaneamente animal e máquina, que habitam mundos que são, de forma ambígua, tanto naturais quanto fabricados.” SANTAELLA (2003, p. 187) complementa que essa prática, dentro do imaginário fílmico é bem comum, segundo ela

Ciborgs têm aparecido repetidamente nos filmes de ficção científica dos últimos trinta anos. A maior parte desses filmes concebe o *ciborg* como composto de partes orgânicas e próteses maquinicas. Uma prótese é a parte *ciber* do corpo. Ela é sempre uma parte, um suplemento, uma parte artificial que suplementa alguma deficiência ou fragilidade do orgânico ou que aumenta o potencial do corpo.

Durante muito tempo, principalmente a igreja católica, legitimou o racismo com a justificativa de que pessoas “de cor” não possuíam alma, e dentro deste leque, podemos incluir não somente negros, mas índios também, assim como os animais. Quando na citação acima, GOES (2017) traz essa frase de “um corpo sem alma”, ela está justamente fazendo uma analogia a este momento histórico, tendo em vista que em sua dissertação ela se utiliza do Manifesto Ciborgue de Donna Haraway para sustentar seu discurso do afrociborgue como um ser político e modificado para conseguir se sentir forte o suficiente para combater as discriminações e os padrões hegemônicos sociais. O autor Benedito Nunes (2007), faz uma reflexão em seu artigo sobre a relação entre o animal e o primitivo e afirma que,

Para Descartes o homem é o animal racional, tendo na sua razão ou na linguagem a diferença que o distingue da animalidade. Mas o ser do homem coincide, de acordo com o ponto de vista cartesiano, que é o ponto de vista moderno, com a evidência do pensar. O animal é o que de mais estranho a nós se torna. É o grande Outro porque é um corpo sem alma, um simples mecanismo. Essa é a teoria mecanicista de Descartes que prevaleceu nos séculos XVII e XVIII. (NUNES, 2007, p. 282).

Histórias que envolvem personagens ciborgue, como Shuri e todo elenco de Pantera Negra, representam para a sociedade uma espécie de tomada de seu próprio lugar social que é diferente daquele imposto durante décadas. Segundo HARAWAY, essas histórias quando recontadas “invertem e deslocam os dualismos hierárquicos de identidades naturalizadas.” (2009, p. 86), deslocam as posições sociais do negro na história em relação ao que a sociedade ocidental legitima por correto. Na sociedade a qual conhecemos e vivemos, uma mulher negra e jovem na posição de cientista e quase que incabível, afinal, não é esse o lugar que foi assegurado para ela.

CORPOREIDADE NEGRA E A BRANQUITUDE

Cruzando as margens entre o real e o fictício, como esses corpos diaspóricos e afro-futurísticos se comportam em um contexto no qual o ideal de beleza imposto pela branquitude onde os enxerga como fora dos padrões pré-estabelecidos? Mas antes de tudo, é importante contextualizar o que vem a significar o termo “branquitude”. Para a jornalista Reni Eddo-Lodge, autora do livro “Porque Não Converso Mais com Pessoas Brancas sobre Raça”, publicado em 2014, a branquitude vem a ser uma rede de privilégios que cercam o ser branco na sociedade.

E privilegio branco é a ausência das consequências negativas do racismo. Uma ausência de discriminação estrutural, uma ausência de sua raça, sendo vista como um problema em primeiro lugar, uma ausência de “menos chances de sucesso por causa da minha raça”. É uma ausência de olhares engraçados direcionados a você porque acredita-se que você esteja no lugar errado; uma ausência da violência promulgada em seus antepassados por causa de suas peles; uma ausência de uma vida inteira de marginalização sutil e divisória – exclusão da narrativa de ser humano. (EDDO-LODGE, 2014, p. 156)

Dentre os diversos privilégios obtidos pela branquitude, a estética que impõe um padrão de beleza na sociedade é uma das mais formas de violência de opressão para a população negra. É comum que crianças negras cresçam complexadas por não se sentirem enquadradas neste padrão dito como belo, passando, durante adolescência e fase adulta, por diversas modificações corporais como alisamento dos cabelos.

O que o movimento filosófico afro-futurismo propõe, dentro de sua agenda política, é a emancipação deste corpo negro da erotização, opressão e colonização. Se aprofundarmos o debate contemplando o marcador social de gênero, a opressão se torna mais profunda a partir do momento em que o corpo da mulher negra é visto como objeto sexual a dispor dos desejos do branco. Segundo bell hooks (2019) em seu livro “Olhares Negros: raça a representação”, onde a autora articula o conceito da colonização do olhar citando momentos das mídias populares em geral, ela afirma que corpo da mulher negra está a serviço do entretenimento do Outro, ou seja, do branco.

Diante disso, se torna necessário o processo de construção da emancipação corporal, o afro-futurismo articula a modificação como ferramenta de empoderamento estético e filosófico. Em um contexto fictício, como no caso da personagem Shuri, essa modificação parte para a inserção de artefatos tecnológicos, como por exemplo, de suas garras em formato de pantera. Mas saindo das telonas, observando os jovens negros nas redes sociais, é possível ver que esse corpo negro questionando dos padrões da branquitude, se modificando através da aceitação das reais texturas dos cabelos, traços fenótipos e utilização de artefatos que remetem a cultura africana como turbantes e estampas coloridas. Segundo autora Nilma Lima Gomes, em seu artigo sobre corporeidade negra, ela afirma que ao tomar para si seu corpo negro expressando sua negritude, o indivíduo (...) “começa a ser percebido socialmente como uma forma positiva de expressão da cultura e da afirmação da identidade.” (2019, p. 132). Sendo assim, fica claro que o corpo nunca deve ser lido de forma deslocado do sujeito. Quando emancipado, segundo ela, é o momento onde os corpos negros iniciam seu processo de distinção “(...) e se afirmam no espaço público sem cair na erotização ou na folclorização” (GOMES, 2019, p. 134). O afro-futurismo alimenta o empoderamento do sujeito negro e tudo que o representa, tanto estético quanto político. Shuri reforça esse debate ao se mostrar como uma mulher negra dona de si, ocupando lugares que jamais seriam destinados ao grupo que ela faz parte e representa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Me recorde do dia em que fui assistir ao filme Pantera Negra, foi durante a primeira semana de exibição, a sala de cinema estava lotada de pessoas negras, em sua grande maioria eram crianças que vestiam camisetas com a imagem do personagem principal. A sensação de se sentir representada por um reinado é simplesmente indescritível, ainda mais quando durante toda a história da humanidade, nós negros, fomos marginalizados, negligenciados e excluídos da posição de contadores das histórias. Inclusive acredito ser importante não nos fixarmos em apenas um lado das histórias, ou como diz a autora nigeriana Chimamanda Ngozi Achie (2009), com perigo da “história única”, “pois histórias

têm sido usadas para expropriar e tornar maligno. Mas, histórias podem também serem usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida” (Portal Geledés, 2010).

O afro-futurismo vem como uma nova possibilidade de existir. Tanto Shuri, quanto todos os outros personagens do filme, questionam o lugar social do negro na sociedade, quebram os estereótipos de uma África pobre, que precisa ser salva pelo homem branco e completamente distante do desenvolvimento tecnológico. Realmente, existem alguns lugares dentro continente africano que precisam de ajuda, assim como também existem em diferentes lugares do mundo.

Shuri questiona a posição social da mulher dentro de um governo, dentro do mercado de trabalho e na ciência. Esse corpo modificado é um corpo que apresenta, esteticamente, não somente roupas, mas, marcadores sociais como, ser mulher cisgênero, ou seja, um ser que se identifica com o gênero que foi lhe atribuído ao nascimento, negra, jovem e rica.

Neste artigo, quis pensar esse corpo, negro, agora emancipado, a partir do deslocamento do lugar da margem dentro de nossa sociedade racista, em direção a um lugar central, nem que para isso seja necessário se modificar, se conectar com a ancestralidade. Seremos protagonistas de um grande filme de sucesso ainda só está restrito ao cinema, mas no filme da vida real ainda está muito longe de sermos vistos, afinal, como diz minha querida HARAWAY, “a tarefa consiste em sobreviver na diáspora” (2009, p. 77), pois, a vida é muito difícil fora de Wakanda.

Black corporeity in the post-human era: Analysis of the character Shuri, from the film Black Panther.

ABSTRACT

This study aims to reflect on the black corporeality in the face of the concept of afro-futurism using as an object of analysis the character Shuri from the film Black Panther. I will start from the concept worked by Eduardo Viveiros de Castro on Amerindian corporeality where he affirms that a body is everything that adheres to it and observe how the corporeality of the chosen character represents new aesthetic and political constructions of a generation of young blacks who identify with the concept of afro-futurism, a discussion present in studies on post-humanism. Dona Waraway's feminism in "Cyborg Manifesto" and Lucia Santaella's classification of bodies will support the agency of a protein and technological aesthetics, the result of a new vision of the black diaspora in the world and how to survive it, with the combating structural racism in our white patriarchal straight cis society.

KEYWORDS: Corporeality. Black. Post-human. Afro-futurism. Feminism.

Corporeidad negra en la era post-humana: análisis del personaje Shuri, de la película Pantera Negra.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo reflexionar sobre la corporeidad negra frente al concepto de afro-futurismo utilizando como objeto de análisis al personaje Shuri de la película Black Panther. Comenzaré con el concepto trabajado por Eduardo Viveiros de Castro sobre la corporeidad amerindia, donde afirma que un cuerpo es todo lo que se adhiere a él y observar cómo la corporeidad del personaje elegido representa nuevas construcciones estéticas y políticas de una generación de jóvenes negros que se identifican con el concepto de afro-futurismo, una discusión presente en estudios sobre post-humanismo. El feminismo de Dona Waraway en el "Manifiesto Cyborg" y la clasificación de cuerpos de Lucia Santaella respaldarán la agencia de una estética proteica y tecnológica, el resultado de una nueva visión de la diáspora negra en el mundo y cómo sobrevivir con el Combate el racismo estructural en nuestra sociedad cispatriarcalrecta blanca.

PALABRAS CLAVE: Corporeidad. Negro. Post-humana. Afro-futurismo. Feminismo.

NOTAS

¹ O termo cisgênero foi utilizado pela primeira vez por um homem trans holandês chamado Carl Buijs para falar de pessoas que não são trans, ou seja, para se referir a pessoas as quais sua identidade de gênero está em concordância com o gênero que lhe foi atribuído ao nascer (vale recordar que a anatomia é desde sempre genrerada, cirurgiada pela cultura do gênero e pelas formas de conhecer e representar nos termos binários). LEONARDO. Rafaela Cotta. ATHAYDE. Thayz. POCAHY. Fernando Altair. O Conceito de Cisgeneridade e a Produção de Deslocamentos nas Políticas Feministas Contemporâneas. 2015. Disponível em https://www.editorarealize.com.br/revistas/enlacando/trabalhos/TRABALHO_EV_072_MD1_SA2_ID903_17072017205519.pdf.

² #afrofuturismo, na rede social instagram, “uso das hashtags faz com que outros usuários tenham acesso ao conteúdo postado baseado em perfil de interesse. Porém, além dessa função ela tem sido usada como uma espécie de corrente (...). **Fonte:** Tecnologia - iG @ <https://tecnologia.ig.com.br/2017-08-25/instagram-significado-hashtags.html>.

³ A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas indentitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais. AKOTIRENE. Carla. Interseccionalidade. Coleção Feminismo Plurais. Editora Polén. São Paulo. 2019.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE. Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro. Editora Polén. 2019.

BUROCCO. Laura. **Afrofuturismo e o devir negro**. Revista Artes e Ensaio do PPGA/EBA/UFRJ. N° 30, julho de 2019. P. 49-59.

DANOWSKI. Deborah, VIVEIROS DE CASTRO. Eduardo. **Há mundo por vir? Ensaio sobre medos e os fins**. Desterro (Florianópolis). Cultura e Barbárie – Instituto Socioambiental. 2014.

FELINTO. Erik. **A comunicação dos autômatos: sobre o imaginário do pós-humanismo na internet**. Revista Galáxia. São Paulo, n° 11, p. 107-124, jun. 2006.

GOES. Jancleide Teixeira. **Afrociborgue: performances negro-diaspóricas e próteses digitais do hip hop brasileiro**. (Dissertação) - Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, da Universidade Federal da Bahia. UFBA. Salvador. 2017.

GOMES. Nilma Lino. **A Compreensão da Tensão Regulação/Emancipação do Corpo e da Corporeidade Negra na Reivindicação da Resistência Democrática**. Revista Perseu, n° 17, p. 123-142. 2019. Disponível em <http://revistaperseu.fpabramo.org.br/index.php/revistaperseu/article/view/301>. Acesso em 03 de junho de 2020.

HARAWAY, Donna. **Manifesto ciborgue**: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: Tadeu Tomaz (Org). Antropologia do ciborgue: vertigens dos pós-humano. Belo Horizonte: Autentica. 2009. 2º ed. p.33-118.

hooks. bell. Olhares Negros: raça e representação. São Paulo. Editora Elefante. 2019.

ISTOÉ. **A verdadeira história do Pantera Negra**. Disponível em <https://istoe.com.br/a-verdadeira-historia-do-pantera-negra/>. Acesso em 14 de janeiro de 2020.

LEONARDO. Rafaela Cotta. ATHAYDE. Thayz. POCAHY. Fernando Altair. **O Conceito de Cisgeneridade e a Produção de Deslocamentos nas Políticas Feministas Contemporâneas**. 2015. Disponível em https://www.editorarealize.com.br/revistas/enlacando/trabalhos/TRABALHO_EV_072_MD1_SA2_ID903_17072017205519.pdf. Acesso em 27 de maio de 2020.

MALYSSE. Stéphane Rémy. **Além do Corpo**: a carne como ficção científica. REVISTA DE ANTROPOLOGIA, SÃO PAULO, USP, 2000, V. 43 nº 2. P. 271-278.

NUNES. Benedito. **O Animal e o Primitivo: os Outros da nossa cultura**. Revista Suplemento Antropológico, Pelotas-RS, v.14, p.279-290, dez. 2007.

PORTAL GELEDÉS. Chimamanda Adichie: o perigo de uma única história. 2010. Disponível em <https://www.geledes.org.br/chimamanda-adichie-o-perigo-de-uma-unica-historia/>. Acesso em 20 de janeiro de 2020.

SANTAELLA. Lúcia. **Culturas e Artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo. Editora Paulus. 2003.

SANTOS. Natalí dos. **Wakanda Forever**: um estudo sobre os discursos avaliativos do filme Pantera Negra. (Monografia) - Comunicação Social com habilitação em Produção Cultural, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia. Salvador. 2019.

VASCONCELOS. Wesley Guiherme. SOUSA. Daywson Adler Freires de. SALMMITO. Ricardo Rigaud. Muito Além de Wakanda : um estudo acerca dos aspectos cultural e indentitário no filme Pantera Negra. RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade. V. 05, ed. Especial, maio 2019, artigo nº 1608.

Recebido: 16/04/2020.

Aprovado: 07/07/2020.

DOI: 10.3895/cgt.v14n43.12009.

Como citar: MATOS, Suelen Karini Almeida de. Corporeidade negra na era do pós-humano: análise da personagem Shuri, do filme Pantera Negra. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 14, n. 43, p. 424-439, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.utfr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Suelen Karini Almeida de **Matos**

Rua Antonio Ferreria, 54, apto 104, Portão, Curitiba, Paraná, Brasil

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

